



CINEMA DE MULHERES E LUTAS SOCIAIS EM BRASIL E ANGOLA: UM OLHAR SOBRE AS OBRAS DE ADÉLIA SAMPAIO E SARAH MALDOROR

Marcelina Dulce Muhongo¹
Tacilla Da Costa E Sá Siqueira Santos²

RESUMO

O presente trabalho intitulado cinema de Mulheres e lutas sociais em Brasil e Angola: Um olhar Sobre as Obras de Adélia Sampaio e Sarah Maldoror, tem como objetivo principal compreender o papel do cinema de Sarah Maldoror e Adélia Sampaio nas lutas sociais em Angola e no Brasil, analisando suas aproximações e diferenças, de modo a atender aos objetivos traçados a investigação aqui proposta primeiramente se valeu da metodologia qualitativa envolvendo análise de conteúdo e análise fílmica em uma perspectiva de estudos comparativos. Portanto esta pesquisa traz como foco olhar o cinema e a sua importância nas lutas sociais, trazendo as vozes femininas reverberadas através das obras fílmicas, que refletem lutas e problemáticas sociais diversas, neste caso, particularmente, as que dizem respeito ao Brasil e a Angola. No contexto das décadas de 1960 e 1970, momento em que na qual o mundo registava diferentes lutas em vários lugares do mundo, Angola vivenciava a luta pelo processo de descolonização, ao tempo que Brasil vivia a luta contra ditadura militar. Neste sentido, analisamos as obras de Adélia Sampaio e Sarah Maldoror, na perspectiva da sua relação com as lutas sociais nos respectivos países.

Palavras-chave: cinema; mulheres; Brasil; Angola.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA, Campus dos Malês, Discente,
marcelina121996@gmail.com¹

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA , CAMPUS DOS MALÊS, Docente,
tacillasiqueira@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

O que se pretendeu com esta temática foi compreender a relação das trajetórias de Adélia Sampaio e Sarah Maldoror e suas respectivas obras com as lutas sociais no Brasil e em Angola, bem como destacar o papel preponderante que as mulheres cineastas trazem nos seus trabalhos diferentes temas que permitem refletir as diferentes lutas e problemas que o mundo atravessa, quer seja no passado como no presente. Com isso, mesmo que os filmes não tenham o aprendizado como primeiro objetivo, eles são frequentemente utilizados como recurso pedagógico.

O cinema para além de servir como veículo de comunicação e exercício artístico, é também uma importante “arma” cultural de libertação, pelo alcance de público e difusão. Ao longo de seus anos de existência, ele esteve relacionado a antiga e novas formas de colonialismo. Sales et al (2019), aponta que o cinema é uma arte elitista e dispendiosa, foram os cineastas homens e brancos de classes sociais mais altas os que produziram a maior parte das imagens de si e do outro. Segundo o grupo de estudos multidisciplinares da ação afirmativa (Gema), da universidade estadual do rio de janeiro (UERJ) mostra que de 2002 a 20124, homens brancos dominaram o elenco principal das 20 maiores bilheterias de cada ano. Ao todo, eles representam 45% dos papéis mais relevantes, depois vêm as mulheres brancas (35%), homens negros (15%) e, por últimas mulheres negras (apenas 5%), de 2002 a 2013, os filmes analisados pelos pesquisadores nenhum deles foi protagonizado por mulher negra.

Nos últimos anos o cinema tem sido capaz de produzir imagens e representações outras, tem quebrado o imperativo que marcou, até aqui corpos e lugares, dentro de um regime racista, patriarcal, sexista e imperialista (SALES et al, 2019). O áudio visual de um modo geral, e o cinema, particularmente, tem sido ao longo da história instrumento e arena de lutas sociais. As obras mais difundidas, no entanto, emergem majoritariamente, a partir de narrativas masculina e localizadas no Norte do mundo. As vozes femininas reverberadas através das obras filmicas, particularmente das produções femininas em países africanos e da América Latina, trazem, entretanto, um rico escopo que refletem as lutas e problemáticas sociais diversas. Diante disso, neste trabalho, iremos trazer em especial as décadas de 1960 a 197, como anos de lutas em diferentes lugares do mundo, e período no qual Angola vivenciava a luta pelo processo de descolonização, ao tempo em que o Brasil vivia a luta contra a ditadura militar.

O engajamento de resistência e lutas sociais se deu tanto no Brasil como em Angola, através do cinema, e se registou nesta altura um engajamento político social e conexões intercontinentais de estudiosos pan-africanistas que pensavam na unificação da África. No Brasil, por sua vez, o movimento do Cinema novo elaborou através das obras cinematográficas a luta contra ditadura militar, bem como discursos em respostas à instabilidade racial e classista no país. (PIÇARRA, 2017).

Olhando para o contexto angolano neste mesmo período, destaca-se, o trabalho de Sarah Maldoror que filma, ao lado do movimento popular de libertação de Angola, seu primeiro curta metragem, abordando nele a luta anticolonial travada em Angola e a violência do sistema prisional colonial do Estado. (PIÇARRA, 2017). E no Brasil, Adélia Sampaio inicia sua trajetória com o movimento do Cinema Novo e cumpre diferentes funções, até tornar-se a primeira mulher negra a dirigir um filme longa-metragem no Brasil. Salientando que as trajetórias e obras destas duas cineastas mostram uma perspectiva de cinema a partir de um olhar feminino, questões sociais e políticas que perpassam a história de Angola e do Brasil.

A pesquisa realizada, portanto, teve como foco olhar o cinema a partir de uma visão feminina, bem como destacar sua relação com as lutas sociais em Angola e no Brasil. Nesta perspectiva apresentou como seu objetivo geral: Compreender o papel do cinema de Sarah Maldoror e Adélia Sampaio nas lutas sociais em Angola e no Brasil, analisando suas aproximações e diferenças. O objetivo geral apresentado desdobrou-se



nos seguintes objetivos específicos: identificar e analisar as principais construções teóricas e conceituais relativas ao papel sociopolítico do cinema; identificar e analisar a obra cinematográfica de Adélia Sampaio, buscando entender a sua importância em relação às lutas sociais no Brasil; e analisar comparativamente o legado de Sarah Maldoror e Adélia, identificando as suas contribuições para os processos de transformações político-sociais no Brasil e em Angola.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento e aprofundamento da pesquisa, utilizou-se prioritariamente a metodologia qualitativa, envolvendo pesquisa em bibliografia especializada, análise de conteúdo e análise fílmica. No primeiro momento levantou-se a bibliografia especializada que versasse sobre o cinema e a sua relação com questões de gênero, questões sociais, lutas políticas e relações internacionais, permitindo realizar uma pesquisa preliminar que identificou os principais conceitos e construções teóricas referentes ao campo temático estudado.

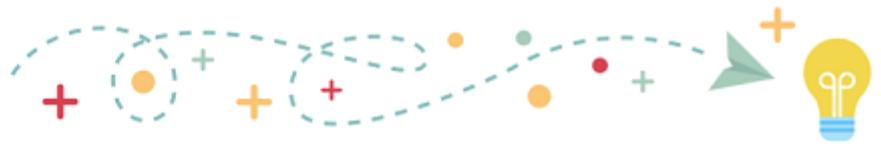
O referencial teórico utilizado possibilitou a compreensão do fenômeno, partindo de uma perspectiva internacional mais geral, passando pela análise da realidade brasileira e angolana. Foram coletadas neste âmbito, evidências basicamente qualitativas, um conjunto de técnicas que serviram para empregar a coleta de dados, incluindo pesquisa documental e de registos em arquivo. Analizou-se também entrevistas semiestruturadas com informantes estratégicos, que estudam e pesquisam sobre audiovisual, e que foram publicadas. Assistiu-se ainda documentários e narrativas de sujeitos que conviveram com as cineastas. Deste modo, usou-se técnicas de análise de conteúdo e análise descritiva que permitiram a tratar os dados coletados.

Foi feita ainda a análise fílmica das obras das cineastas, com intuito de buscar compreender os discursos postos, assim como a leitura imagética e da relação da obra com o seu contexto histórico e político-social, o possibilitou a compreensão que as obras cinematográficas são construídas a partir de um repertório implicando nas trajetórias das mulheres que a produzem e que não estão dissociadas de um contexto histórico e político-social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa obteve, como resultado do decorrer da sua discussão, entender as construções teóricas e conceituais relativas ao papel sociopolítico do cinema, aonde verificou-se que o cinema é visto como espaço de manifestações, culturas e identidades, expressões e cidadania. A autonomia de identidade e representações nas realizações fílmicas tem garantido e dado poder para as mulheres se transformarem em novos sujeitos políticos, possibilitando a sua inserção em diversas causas e lutas de grupos dos quais fazem parte (SOUSA, 2020). O cinema realizado por mulheres atrizes, diretoras e produtoras em alguns lugares do mundo são de longa data e têm percorrido trajetória invulgar na história da cinematografia. A presença de mulheres no universo cinematográfico atravessa décadas do último século e seus trabalhos são firmados como forma de contributos nos movimentos de reconhecimento de trabalho artístico de mulheres no mundo (HOLANDA, TEDESCO, 2017; AMARAL, 2021).

Olhando para trajetória de Sarah Maldoror, percebe-se que sua passagem do teatro ao cinema se deu quando a mesma foi estudar cinema em Moscou, fazendo sua formação em cinema através de uma bolsa de estudos, nos anos 1961 a 1962, no Instituto Nacional de Cinematografia da União Soviética (PIÇARRA, 2017; LANÇA, 2014). Como realizadora Sarah desenvolveu várias obras cinematográficas, dentre as quais: Louis Aragon; Mascara em Paris; Ilha do Fogo; Carnaval no Sahel; Carnaval em Bissau; Des Fussils Pour Banta (Armas para



Banta); Monamgambé e Sambizanga.

Para Maldoror o cinema é mais que uma arte de compor e realizar filmes para serem projetados, constitui-se também como instrumento político com capacidade de mudar o estado das coisas, meio revolucionário capaz de desfazer construções culturais e impactar o sistema sociopolítico. Vendo o cinema nessa perspectiva, a cineasta, procurou passar a visão de como o cinema pode interrogar o paradigma capitalista colonial e patriarcal, sem deixar de examinar criticamente e de se contrapor as formas rígidas e às estruturas de dominação do cinema anticolonial.

Com o seu filme “Sambizanga” ela procurou espelhar nele a luta pela descolonização de Angola e a violência que o colonizador praticava contra os prisioneiros angolanos. O filme é dividido em três narrativas: a morte de um dos personagens principais, domingo Xavier, que foi acusado de pertencer a um grupo político de oposição ao colonialismo (referência ao MPLA); a busca de Maria pelo seu companheiro em diferentes prisões de Luanda, constantemente interrompida pelas autoridades coloniais; e a organização clandestina independentista que tenta identificar o preso e salvá-lo.

A comunidade internacional distingue alguns pontos do filme que dialogam com o momento da geopolítica internacional, tais como: a organização dos movimentos ditos clandestinos, que reivindicam a independência; tortura dos presos políticos pelo sistema colonial português; a assunção e representação do ponto de vista feminino nas lutas pela descolonização de Angola.

A trajetória de Adélia Sampaio, por sua vez, aponta que a sua paixão pelo cinema se iniciou com 13 anos, quando entrou pela primeira vez numa sala de exibição, e assistiu o filme “Ivan o Terrível”. Adélia trabalhou como telefonista na Defilm, uma distribuidora de filmes do Cinema Novo, e o ano de 1960 para ela foi um grande marco tendo lhe permitido dar grandes avanços dentro do cinema e acompanhar de perto o movimento dos cineastas do movimento intitulado “Cinema Novo”. Seu objetivo no cinema foi sempre dirigir seus próprios filmes, tendo atuado na produção de mais de 70 filmes.

Realizou filmes baseados em fatos reais tais como: Denuncia vazia, Agora um Deus que dança em mim, Adulto não brinca, na Poeira das ruas, e Amor Maldito. Este último tornou-se um filme histórico e visionário ao abordar o relacionamento entre duas mulheres, num período em que o país era atravessado pela ditadura militar.

No que diz respeito as aproximações e afastamento entre as duas cineastas. Percebe-se que tanto Sarah como Adélia, iniciaram suas trajetórias dentro do cinema no ano de 1960, não viam o cinema apenas como arte de realizar filmes, mas sim como um espaço coletivo no qual se podia denunciar e alertar pessoas sobre problemáticas sociopolíticas, tendo os filmes também como um instrumentos políticos. Durante as realizações dos seus trabalhos, ambas tiveram que enfrentar o poder machista, racista, críticas e questões financeiras. Sarah é considerada pioneira do cinema africano e afro-diaspórico e traz nas suas narrativas questões ligadas ao contexto sociopolítico voltado a descolonização angolana. Adélia é considerada a primeira mulher negra no Brasil a realizar e dirigir uma longa metragem a ser veiculado no circuito, e, em suas narrativas, aborda diferentes questões ligada ao contexto sociopolítico da ditadura militar brasileira.

CONCLUSÕES

Ao realizar esta pesquisa e no decorrer do seu desenvolvimento é notório o quão fundamental é a participação de mulheres dentro do universo cinematográfico, e como seus trabalhos têm contribuído na emancipação de várias lutas e incentivando outras mulheres a seguirem o mesmo percurso. Ao olhar os trabalhos realizados por essas duas cineastas, é visível notar o quanto elas apresentam aspectos que revelam vivências destes países em momentos históricos marcados por conflitos sociopolíticos e lutas sociais.



As lutas expostas em suas obras, embora diferentes, se interconectam em alguma medida. Ambas buscam com seus trabalhos não apenas mostrar arte de fazer filmes, mas usam as narrativas dos seus filmes como instrumento para revolucionar, desconstruir saberes, fortalecer, representar, denunciar injustiças e propor perspectivas de transformação e também a visibilidade que as duas cineastas dão a cinema feminino é bem latente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer a professora dra. Tacilla Siqueira, que idealizou este trabalho como forma de trazer uma outra visão do cinema feminino e das lutas sociais, numa perspectiva voltada a área de relações internacionais, e por me dar o privilegio de juntas desenvolvermos este trabalho e levarmos avante esta pesquisa. Agradecer também o programa institucional de Bolsas de iniciação Científica (PIBIC) da Unilab, e a Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), a Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB), ao curso de Bacharelado de Relações Internacionais e ao grupo de Pesquisa Órbita - Observatório de Relações Internacionais, que tornaram possível e contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada.

REFERÊNCIAS

- DONINI, Bárbara. Amor Maldito: Intersecção Entrega e Gênero Na Produção Do Cinema Nacional. IV COPENE SUL/ Ancestralidades Conquistas E Resistências Em Tempo De Intolerância. 16 a 19 de julho de 2019.
- ERIKA, Amaral. Mulheres de Cinema e a Escrita da História do Cinema de Autoria Feminina. Significação, São Paulo, v. 48, n. 55, p. 294-300, jan.-jun. 2021 | feminino e plural: Mulheres no cinema brasileiro/Karla Holanda; Marina Cavalcanti Tedesco (orgs.). - Campinas, SP: Papyrus, 2017. - (Coleção Campo Imagético) <https://www.documentamadrid.com/documentamadrid19/en/sections/retrospective-Special-guest-sarah-maldoror/> acessado em 05/ 04/ 2023
- OLIVEIRA, Clarissa Cé de. As trajetórias de Adélia Sampaio na história do cinema Brasileiro. 2017. Graduação (Jornalismo) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. p. 37- 57.
- PEREIRA, Letícia M. S. Respeita Nossa História: Adélia Sampaio. Mulheres do Fim do Mundo. Edição 9. 2021. Link do site: <https://www.mulheresdofimdomundo.com/post/respeita-nossa-hist%C3%B3ria-ad%C3%Adelia-sampaio>, acessado em 10/ de abril de 2023.
- PIÇARRA, Maria do Carmo. “Os cantos de Maldoror”: cinema de libertação da “Realizadora-romancista”, Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, v.9, n.17. p.14-29, jul/dez 2017.
- REZENDE, Maria José de. A ditadura militar no Brasil: repressão e pretensão de Legitimidade: 1964-1984 [livro eletrônico] / Maria José de Rezende. - Londrina: Eduel, 2013.
- SACRAMENTO, Evelyn dos Santos. Adélia Sampaio: Uma Cineasta Que Ousou Ser. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 th women`s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.
- SCHEFER, Raquel. “Sarah Maldoror: o cinema da noite grávida de punhais”. In: PIÇARRA, Maria do Carmo; ANTÔNIO, Jorge (coord). Angola, o nascimento de uma Nação (Volume III). Lisboa: Guerra e Paz, 2015, p. 139-152
- SCHEFER. Raquel. Sarah Maldoror: Um Cinema Sobre Nós e Vós. 59ª edição do Flaherty Film Seminar,



“History Is What` s Happening”. Estado de Nova York. 2013.

SILVA, Alexsandro de Sousa. Sarah Maldoror: Uma Cineasta na diáspora. Revista USP * São Paulo* n. 123 * p. 69- 84 * outubro/ novembro/ dezembro 2019.

SILVA, Antônio Carlos Matias da. Angola: História, Luta de Libertação, Independência, Guerra Civil e Suas consequências. NEARI/ Revista. V.4/ n. 5- 2018.

SILVA, Zoraide Portela. Guerra Colonial e Independência de Angola o Fim da Guerra não é o Fim da Guerra. Revista de História. nº 7/ v. 07- 2016.

SOUZA, Edileuza Penha. Mulheres Negras Na Construção de um cinema Negro no Feminino. Aniki vol.7, n.º 1 (2020): 171-188 | ISSN 2183-1750doi: 10.14591/aniki.

VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. Independência, Marginalização e Reafirmação da África- (1975- 2007), 2008.